



Empresa Brasileira de Pesquisa Agropecuária - EMBRAPA
 Vinculada ao Ministério da Agricultura
 Centro Nacional de Pesquisa de Arroz e Feijão - CNPAF
 Rodovia GYN 12 - Km 10
 (Antiga Rodovia Goiânia/Nerópolis)
 Caixa Postal, 179
 74.000 - Goiânia - GO

COMUNICADO TÉCNICO

Nº 14, jun/84, p.1-4

RECOMENDAÇÕES TÉCNICAS PARA O CULTIVO DO GUANDU ANÃO

Tomás de Aquino Portes e Castro¹

O guandu de porte anão é uma leguminosa bastante rústica e bem adaptada nas regiões tropicais e subtropicais, onde o clima é quente. Por não ser muito exigente quanto à fertilidade dos solos, tem-se adaptado muito bem nos solos de cerrado. Isto permite cultivá-lo nesses solos, utilizando-se apenas uma pequena quantidade de fertilizante fosfatado.

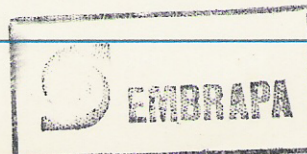
Além de ser utilizado na alimentação humana e animal, é especialmente recomendado para a recuperação de solos, pois, além da boa produção de massa verde (ou matéria verde), tem mostrado grande capacidade de nodulação e, consequentemente, de fixação de nitrogênio atmosférico.

Em trabalho realizado nas condições ecológicas do Centro Nacional de Pesquisa de Arroz e Feijão (CNPAF), Goiânia-GO, PORTES E CASTRO & GUIMARÃES (1982) mostraram que o guandu anão atinge altura média máxima de 140cm, diâmetro do caule de 0,9cm e produção de massa verde e grãos em torno de 18 e 1,5 toneladas por hectare, respectivamente. Trabalhos mais recentes, ainda não publicados, têm apresentado maiores produtividades, tanto de massa verde, como de grãos.

Época de plantio: o plantio deve ser feito nos meses mais quentes do ano, na faixa compreendida entre setembro e fevereiro. Nos demais meses a sua produção, tanto de massa verde, como de grãos, é menor, e o seu porte, que nos meses quentes atinge a 140cm de altura, costuma não ultrapassar a 50cm.

Plantio: o plantio pode ser manual ou mecânico; neste caso com auxílio de plantadeira de tração animal ou trator. O espaçamento entre as fileiras deve ser de aproximadamente 50cm, distribuindo-se de 20 a 35 sementes por metro linear, segundo o objetivo a que se destina, isto é, para produzir grãos, usam-se menos sementes, enquanto que para produzir massa verde, usam-se mais. Em média gasta-se 40 kg/ha de sementes.

¹Eng^o-Agr^o, M.Sc., EMBRAPA/Centro Nacional de Pesquisa de Arroz e Feijão (CNPAF), Caixa Postal 179, CEP 74000 Goiânia, GO.



Adubação: para solos de fertilidade de média a baixa, recomenda-se a aplicação de 20 a 25 kg/ha de P_2O_5 (em torno de 150 kg de Superfosfato Simples 16%) distribuídos no sulco de plantio. Para solos férteis (acima de 10 ppm de P), não é necessário adubar.

O adubo nunca deve ficar junto das sementes, e sim, ao lado e, de preferência, 10cm abaixo delas. Estas, por vez, devem ficar entre 3 a 4cm abaixo da superfície do solo.

As recomendações de adubação acima são para um gasto mínimo com adubo. É evidente que, aumentando-se a adubação, a produção, tanto de matéria verde como de grãos, será maior.

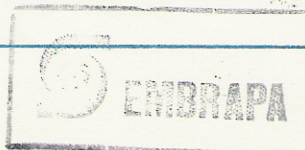
Tratos Culturais: nos primeiros dias após a emergência, as plantas de guandu são pouco vigorosas, conseqüentemente, pouco competitivas. Deve-se, portanto, fazer uma capina nos primeiros 30 dias do plantio, se a área estiver infestada de invasoras. Após esta fase, as plantas, já desenvolvidas, cobrem as entrelinhas, passam a ocupar toda a área, abafando as ervas daninhas e, evidentemente, controlando-as.

Doenças: em alguns locais tem sido observados sintomas de podridão da raiz, nos primeiros dias após a emergência das plântulas, que desaparecem tão logo estas atingem um estágio mais avançado de desenvolvimento. Não sendo, por isto, recomendado qualquer tipo de tratamento preventivo.

Pragas: a principal praga (inseto) que tem sido observada no guandu é a lagarta da vagem, que penetra nelas e consume os grãos. Entretanto, até o momento, não é motivo de preocupação, pois sua ocorrência tem sido ocasional, e os danos pequenos.

Utilização como adubo verde: a incorporação do guandu no solo deve ser realizada entre os 90 a 100 dias, após a emergência, ocasião em que as plantas já estão na floração e com o máximo de massa verde. De preferência, a massa verde a ser incorporada deve ser bem triturada, utilizando-se grade aradora ou rolo-faca, a fim de aumentar a sua eficiência no solo (PORTES et al. 1979). Posteriormente deve-se executar uma aração profunda, a fim de incorporar todos os resíduos (SEGUY et al. 1984). Após estas operações, deve-se aguardar aproximadamente 20 dias para o plantio seguinte, de outra cultura. Isto porque a matéria verde, quando incorporada ao solo, passa pelo processo de fermentação, danificando as sementes que porventura foram semeadas imediatamente após a incorporação.

Utilização como alimentação animal: o guandu, pelo seu valor nutricional, é uma boa alimentação para o gado e pode ser utilizado de várias formas. Para maiores detalhes, os interessados poderão procurar instituições que tra



CT/14, CNPAF, jun/84, p.3

balham com nutrição animal, como por exemplo, o Centro Nacional de Pesquisa de Gado de Corte, em Campo Grande, no Mato Grosso do Sul, ou consultar LOVADINI & MASCARENHAS (1974), LOVADINI et al. (1974), SCHAAFFHAUSEN (1982) e SEIFFERT & THIAGO (1984).

Utilização como alimentação humana: em países da Ásia e da África, o gandu é muito apreciado e consumido de várias formas. No Brasil, o seu consumo ainda é muito restrito. Aparentemente há carência de divulgação de como prepará-lo.

Colheita dos grãos: a colheita dos grãos pode ser realizada manual ou mecanicamente, quando aproximadamente 90% das vagens estiverem secas. Na colheita manual, as plantas são cortadas a alguns centímetros acima do nível do solo, deixadas para secar e, em seguida, em feixes de 4 a 5, são batidas contra uma mesa de ripas ou similar.

A colheita mecânica é feita com colheitadeira normalmente utilizada para a colheita da soja ou arroz. Pode-se, ainda, efetuar o corte das plantas e, depois de secas, processa-se a trilha mecanicamente.

Para guardar os grãos para o plantio do ano seguinte deve-se efetuar o expurgo com fostoxin ou similar, a fim de se eliminarem os carunchos. Para manter o produto livre desses insetos, deve-se, após o expurgo, tratar as sementes com malagran, shellgran ou produto similar.

CT/14, CNPAF, jun/84, p.4

LITERATURA CITADA

- LOVADINI, L.A.C. & MASCARENHAS, H.A.A. Estudos para definição da melhor época de plantio do guandu. *Bragantia*, 33:V-VI, 1974.
- LOVADINI, L.A.C.; MASCARENHAS, H.A.A.; NAGAI, V. & VEIGA, A.A. Estudos sobre o guandu, visando a produção de forragem. 1- Época de corte, massa verde por corte e número de cortes. *Bragantia*, 33:LXXI-LXXV, 1974.
- PORTES, T.A.; LOYOLA, R.L.; GOMES, N.B. & OLIVEIRA, S.F.de. **Uma nova técnica de incorporação de matéria orgânica no solo.** Goiânia, EMBRAPA-CNPAF, 1979. 3p. (EMBRAPA-CNPAF. Pesquisa em andamento, 6).
- PORTES E CASTRO, T.A. & GUIMARÃES, C.M. **Guandu anão, uma nova opção para as regiões tropicais brasileiras.** Goiânia, EMBRAPA-CNPAF, 1982. 3p. (EMBRAPA-CNPAF. Comunicado técnico, 11).
- SCHAAFFHAUSEN, R.von. Guandu, feijão nutritivo. *A Granja*, 38(413):15-8, 1982.
- SEGUY, L.; KLUTHCOUSKI, J.; SILVA, J.G.da; BLUMENSCHNEIN, F.N. & DALL'ACQUA, F.M. **Técnicas de preparo do solo; efeitos na fertilidade e na conservação do solo, nas ervas daninhas e na conservação de água.** Goiânia, EMBRAPA-CNPAF, 1984. 26p. (EMBRAPA-CNPAF. Circular técnica, 17).
- SEIFFERT, N.F. & THIAGO, L.R.L.S. Guandu nos cerrados; forrageira com muita proteína. *Raízes*, 9(97):14-7, 1984.